

---

## Análise Fílmica De “Tudo Em Todo Lugar Ao Mesmo Tempo” Sob O Olhar Teórico Da Abordagem Centrada Na Pessoa

### Film Analysis Of "Everything Everywhere At Once" From The Theoretical Perspective Of The Person-Centered Approach

---

**Jacqueline Guimarães Nunes**

ORCID: <https://orcid.org/0009-0007-9530-0311>

UNEPOS - União de Estudos e Pós-Graduação, Brasil

E-mail: [jacqueline.g.nunes@gmail.com](mailto:jacqueline.g.nunes@gmail.com)

**Bruno de Moraes Cury**

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6016-7756>

Centro Universitário de Viçosa - UNIVICOSA, Brasil

E-mail: [brunocury@univicosacom.br](mailto:brunocury@univicosacom.br)

---

#### RESUMO

O artigo em questão analisa eixos temáticos voltados à identidade, às conexões familiares e às ramificações das decisões - ao longo da vida - abordadas na obra Tudo em Todo o Lugar ao Mesmo Tempo. Para tanto, o método se pautou na investigação teórica com enfoque nos pressupostos da Abordagem Centrada na Pessoa e na análise fílmica a fim de realizar uma leitura psicológica acerca do enredo dos personagens. Constata-se que a proposta do filme se trata de uma jornada para o autoconhecimento, a qual perpassa pela reconexão da personagem principal, Evelyn, com sua família. Desse modo, evidencia-se que tal caminhar em busca da autodescoberta se faz natural, orgânico e indispensável para a atualização do eu, tal qual a abertura à experiência e às novas possibilidades tão intrínsecas ao ser humano. Por fim, a consideração positiva incondicional e a compreensão empática se fazem fundamentais no processo de autoaceitação e nas relações interpessoais.

**Palavras-chave:** Abordagem Centrada na Pessoa; Análise fílmica; Tudo Em Todo Lugar Ao Mesmo Tempo; Consideração Positiva Incondicional.

---

#### ABSTRACT

The article in question analyzes thematic axes related to identity, family connections and the ramifications of decisions - throughout life - addressed in the play Everything Everywhere at the Same Time. To this end, the method was based on theoretical research focusing on the assumptions of the Person-Centered Approach and on film analysis in order to carry out a psychological reading of the characters' storylines. It was found that the movie is about a journey towards self-knowledge, which involves the main character, Evelyn, reconnecting with her family. In this way, it becomes clear that such a journey in search of self-discovery is natural, organic and indispensable for the actualization of the self, just like the openness to experience and new possibilities that are so intrinsic to the human being. Finally, unconditional positive consideration and empathetic understanding are fundamental to the process of self-acceptance and interpersonal relationships.

**Keywords:** Person-Centered Approach; Film Analysis; Everything Everywhere All at Once; Unconditional Positive Regard.

---

## INTRODUÇÃO

Por muitos anos, a arte atuou e continua atuando de forma alegórica, despertando pensamentos e reflexões acerca das mais diversas temáticas em torno da sociedade, tais como: política, cultura, críticas sociais, existencialidade e parentalidade.

As produções cinematográficas não fogem dessa perspectiva, além de seu papel de divertimento, os curta e longa-metragens têm o potencial de explorar e de recriar diversas realidades, proporcionando ao público experiências subjetivas e psíquicas transformadoras. Com efeito, tais vivências podem promover novas percepções e reflexões sobre o mundo e as relações humanas, permitindo aos diversos indivíduos uma compreensão mais profunda das mensagens e simbolismos subjacentes à temática do filme, um desenvolvimento da capacidade crítica e um estímulo ao autoconhecimento.

Nesse contexto, é de grande relevância a análise de obras fílmicas à luz das diversas teorias da psicologia, em especial, no viés teórico da Abordagem Centrada na Pessoa, cujo foco central é a premissa da tendência atualizante: todo organismo tem uma tendência inerente para o desenvolvimento de todas as suas potencialidades. Para tal, é necessária a oferta de condições favoráveis, tais como: consideração positiva incondicional, compreensão empática e congruência (ROGERS; KINGET, 1975).

Dessa forma, o filme *Tudo em Todo o Lugar ao Mesmo Tempo*, dirigido pelos cineastas Dan Kwan e Daniel Scheinert e lançado em Junho de 2022, constitui uma excelente fonte de análise, pela complexidade em explorar temas sobre identidade, conexões familiares e as ramificações das decisões ao longo da vida.

Outrossim, é uma obra revolucionária não apenas por seu conteúdo, mas por ser uma das poucas produções que se aproxima mais de uma representação explicável do funcionamento de multiversos. Não à toa, recebeu onze indicações ao Oscar de 2023, obtendo sete premiações que incluíram os prêmios de melhor filme e de melhor roteiro, além de globos de ouro e de diversas outras condecorações.

Com esta escrita, espera-se fomentar ainda mais as discussões em torno das obras cinematográficas e artísticas, como uma forma de estudo das sociedades e as temporalidades que as atravessam. Diante disso, o objetivo principal deste estudo foi promover o debate em torno das principais temáticas abordadas na obra, como a necessidade de um sentido na vida que justifique a existência do ser humano; a qualidade do tempo que se vive e suas possibilidades; a constante busca interna para

reconciliar diferentes versões de si mesmo e a autoaceitação. Em diversos momentos da vida, ocorrem autoquestionamentos sobre os sentidos do ser e do viver. Existem as dúvidas das escolhas de quais caminhos seguir e a incerteza dos possíveis resultados. Nesse processo, o ser humano não está ileso de duvidar de si mesmo e da trajetória a percorrer. Todavia, são esses questionamentos, indispensáveis e intrínsecos, que produzem autocrescimento, mobilização, configurando um sentido à vida.

## **FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA E DISCUSSÃO**

O filme analisado retrata a história de uma família imigrante chinesa que vive e trabalha em um negócio próprio, uma lavanderia, nos Estados Unidos. Logo no início, é revelado que a relação entre os membros da família é conflituosa e disfuncional. Somado a isso, a lavanderia está passando por uma crise financeira em virtude de pendências fiscais cuja resolução imediata faz-se imperiosa para o não fechamento do estabelecimento.

Evelyn Wang, personagem central da história, é quem gerencia o funcionamento da lavanderia, por se considerar a única apta a mantê-la operando, além de ser representada como uma mulher frustrada, sem perspectivas, sobrecarregada e alguém que abdicou de si para construir uma vida familiar.

Nesse cenário, existe também Waymond Wang, marido de Evelyn e ambos têm uma péssima relação conjugal, escassa de afeto, comunicação e admiração mútua. Isso fica evidente na cena em que Evelyn se depara com um filme romântico ilustrado na televisão da lavanderia e, ao ver o casal proferindo declarações de amor, externaliza certa insatisfação, infelicidade e anseio por aquele amor romântico não experienciado por ela.

Waymond, por sua vez, apresenta-se como uma pessoa gentil, carinhosa, bem-humorada e repleta de vitalidade. Em diversos momentos, busca incentivar a esposa e - até mesmo - desconstrair o ambiente a fim de tornar mais leve o fardo da rotina. Contudo, ela não deposita confiança nas propostas dele para aprimorar a gerência do estabelecimento, tão pouco dá vazão às demonstrações de carinho e cuidado do seu cônjuge, levando-o a planejar, secretamente, um pedido de dissolução de casamento.

A mesma relação hostil se repete com a filha do casal, Joy Wang, uma jovem homossexual, a qual vive um relacionamento com a parceira Becky, ostensivamente desaprovado pela mãe, sendo este um dos principais focos de conflito entre ambas.

Nesse sentido, ainda que nutra, internamente, um carinho e cuidado maternos, Evelyn é incapaz de demonstrá-los a não ser por críticas, contribuindo para o isolamento de Joy.

Nota-se que Evelyn está sempre em uma posição de julgamento e de rejeição para com as atitudes e comportamentos dos membros familiares, exceto do próprio pai, Sr. Gong Gong, cuja personalidade é classificada como ranzinza e sisuda, sendo, entretanto, a pessoa pela qual ela nutre forte respeito e busca constantemente a aprovação. Por seu turno, o pai atua em um papel crítico, classificando, com certa constância, as atitudes da filha. Sua presença no cotidiano de Evelyn traz uma carga negativa e de reprovação às suas escolhas, principalmente as feitas por ela no passado, como se isso não permitisse materialização da sua legitimidade existencial e uma espontaneidade em seu percurso vital.

Segundo Rogers e Kinget (1975), quando um indivíduo estabelece distorção ou distanciamento entre a imagem do eu e a experiência real vivida, ele entra em um estado de desacordo interno, dito como incongruência. Compreende-se, assim, que a protagonista está a vivenciar um funcionamento adoecido, como uma espécie de paralisação temporal, cristalização da atualização do eu. Tal atitude a sujeita à confusão e à tensão internas, dificuldade de simbolização, distorção das potencialidades e afastamento da tendência atualizante, na tentativa exclusiva de alcançar uma imagem válida apenas na perspectiva paterna, apropriando-se, desse modo, das obrigações que um dia foram do pai.

Nessa perspectiva, eleger o pai como pessoa critério a leva a um limbo de experiências negativas de invalidação do eu ou desprezo dos desejos internos, impossibilitando uma integração simbólica e consciente da totalidade da experiência. Cria-se, portanto, dificuldade de enxergar a realidade tal como é, ou pior, só aceita como verdade o que por ele é digno de reconhecimento (avaliação condicional) (ROGERS; KINGET, 1975).

O *flashback* referente ao passado de Evelyn, recurso empregado em algumas cenas, reforça a demonstração da relação disfuncional entre ela e o pai, quase como se trouxesse à memória da protagonista a visão infeliz e de insatisfação em relação à própria história. A simbolização das cenas dessas digressões com tons neutros e de azul intenso, bem como a predominância da cor vermelha, especificamente em momentos dolorosos, decepção e desaprovação imprime ao cenário aspectos de negatividade,

angústia, tristeza, como a data em que ela saiu da casa dos pais para morar com Waymond.

Outro aspecto relevante a ser explorado é o autodesenvolvimento da protagonista. Observa-se que ela aplica força e sentido opostos ao autocrescimento nas diversas outras áreas da vida, lutando contra a busca da felicidade, na crença de que a única forma de lidar com a realidade é manter o foco e canalizar as energias para os eventos rotineiros. Há de se fazer uma ressalva neste aspecto, no entendimento de Rogers e Kinget (1975, p. 39) “O ser humano tem a capacidade, latente ou manifesta, de compreender-se a si mesmo é de resolver seus problemas de modo suficiente para alcançar a satisfação e eficácia necessárias ao funcionamento adequado.”

Dessa forma, o que determina a eficácia ou ineficácia da TA é o caráter realista da noção do eu, ideia ou imagem que faz de si mesmo. Logo, Evelyn tende a perceber com destaque o que se relaciona com o *eu* e é possível a elaboração e mudança, já o que não condiz é vagarosamente notado. Como ela faz uma avaliação condicionada à perspectiva crítica do pai, seleciona apenas os fatos negativos que vivenciou ao longo da vida como relevantes, mantendo-se distante da elaboração real dos fatos que a tornam digna de si mesma, produzindo um estado de incongruência (ROGERS; KINGET, 1975).

Apresenta-se, assim, o primeiro ato do longa, Parte 1 - Tudo. De forma criativa e provocativa, a narrativa foi estruturada em três partes interrelacionais e simbólicas, cada qual intitulada com o nome do filme: i) Parte 1 - Tudo; ii) Parte 2 - Em Todo Lugar; iii) Parte 3 - Ao Mesmo Tempo. Claramente tal fator não está ausente de sentido, pois se trata de uma metalinguagem alinhada à temática do filme, uma ruptura interdimensional. Desse modo, o roteiro adota um aspecto de não linearidade, alternando os diálogos entre a realidade e os multiversos.

Por conseguinte, Evelyn tem seu primeiro contato com o Multiverso por meio de uma versão alternativa de seu marido, Alfa Waymond, um homem habilidoso, ágil e perspicaz. Ele lhe fala sobre as possibilidades do Multiverso, que em cada linha temporal existe uma versão diferente de si mesmo, mais ou menos bem-sucedida, feliz ou infeliz e isso só é possível a partir das divergências de escolhas feitas ao longo da vida. Revela que a existência de todos os universos está ameaçada e acredita que ela é a única versão de si mesma, dentre as outras, que pode derrotar Jobu Tupaki, a vilã onipotente e onipresente.

De imediato, verifica-se uma dificuldade da protagonista em acreditar e imergir no imaginário, apesar da compreensão de que a crença na possibilidade de outros universos existirem, e de se conectarem ser muito abstrata, e soar como insanidade, ela vive uma rotina tão massante, que não há possibilidade para subjetividade, ou receptividade à experiência. Não há tempo para se realizarem outros feitos a não ser trabalhar (HAN, 2015; ROGERS, 1977).

Essa conexão torna-se possível à medida que Evelyn assume que o tédio da realidade palpável não muda mesmo quando há atenção à auditoria. Ademais, não fará diferença saciar uma curiosidade de algo supostamente tão irreal e, aos poucos, ela cria abertura para as experiências, permitindo-se ir ao encontro de novas possibilidades.

Mais adiante, Alfa Waymond explica como acessar o Multiverso e as cautelas imprescindíveis para não fragmentar o eu, como Jobu Tupaki o fez. A noção de que quanto mais distante do universo de origem, maiores são as discrepâncias entre as realidades, e o fato do personagem cuja missão era achar uma salvadora, Evelyn, ter vindo de um dos universos mais longínquos, sugere uma metáfora bastante oportuna, a de que a protagonista está em um distanciamento significativo do seu eu real. Logo, depreende-se que a jornada do herói para a salvação do mundo depende de encontrar a si mesmo.

Portanto, há que se reconhecer a semelhança do enredo com os típicos dos filmes de heróis tradicionais, todavia, na cinematografia em exame, o encontro do *eu* não depende apenas da descoberta de poderes. Com efeito, perpassa a crise existencial que permeia o interior da protagonista, pressupondo o resgate e o acordo entre o eu real e a experiência vivida “empenhado em um processo constante de revisão e modificação da imagem que faz de si mesmo” (ROGERS; KINGET, 1975, p. 172).

Fato é que, para chegar a um estado de acordo, é preciso estar em integração, autenticidade e harmonia consigo, nada mais semelhante que um Salto multiversal, outra metáfora intrigante do filme. Esses saltos entre universos possibilitam a conexão da consciência, temporariamente, a outra versão de outro universo, sendo possível acessar lembranças, habilidades e até emoções dela. Novamente, revela-se a ênfase no viver consciente, sentir, lembrar e ressignificar para ser e estar no mundo potencialmente.

Em um dos primeiros universos que acessa, a protagonista se depara com uma de suas versões representada por uma atriz de cinema de sucesso, proficiente em Kung

Fu. Essa é uma das conexões multiversais mais significativas para ela: o sucesso que poderia ter tido na vida caso não tivesse seguido os conselhos de Waymond saindo de casa e contrariando o pai, pois assim, seria digna de legitimidade interna, do reconhecimento profissional e do orgulho paterno.

A atitude imediata de Evelyn, ao retornar à realidade, foi terceirizar a culpa ao marido, eximindo-se da responsabilidade pelas próprias escolhas, na ausência de confrontar as próprias ações como ser desejante e agente ativo. Projeta em Waymond a mesma visão que o pai tinha dele, “um tonto e ingênuo”, considerando-o automaticamente culpado. Entretanto, é irreal e inevitável viver uma vida sem cometer erros, não causar mágoas e decepções nos outros ou romper com algum tipo de ideal.

Constata-se que *desejar* é conflitante para Evelyn, uma vez que os desejos e vontades que idealizou e realizou não saíram conforme o planejado, ao contrário, consolidaram um distanciamento entre ela e a família, como é enfatizado na fala de Gong Gong: “Se trocar sua família por aquele tonto, vamos te abandonar... Você não é mais minha filha”. Se a imagem que o indivíduo faz de si mesmo deslegitima sua dignidade de expressar certos sentimentos, ele torna-se, naturalmente, incapaz de tê-los ou pelo menos validá-los, “Além disso, tudo o que tende a desvalorizar a imagem que faz de si mesmo vai diretamente ao encontro de sua tendência atualizante” (ROGERS; KINGET, 1975, p. 48).

Ademais, na perspectiva da protagonista, como as coisas não deram certo ao longo dos anos, internalizou-se o pensamento de que não há necessidade de ser feliz para viver, logo, sustenta-se a partir do sobreviver, mantendo-se a crença de que ela mesma não é capaz de evoluir ou crescer. Dessa forma, insiste que a filha siga os conselhos dela, pois teme que Joy cometa os mesmos erros e seja infeliz.

As atitudes, falhas e a confusão são algumas das consequências do que é exteriorizado das distorções primordiais mais fundamentais, as relações primárias (DALBEM; DELLAGLIO, 2005). Na deformação ou interceptação da experiência entre o eu e o real, ou até a projeção do eu-ideal, e na rigidez perceptual, desenvolve-se a vulnerabilidade, a qual ocasiona o desencadeamento de defesas que detêm o que é experienciado produzindo novas incongruências. Se as concepções que os outros compartilham sobre o indivíduo forem restritivas do potencial dele, o organismo distancia-se da autocompreensão, deixando de buscar crescimento e correspondendo às expectativas alheias (ROGERS, 1977).

Ao mesmo tempo que a conexão com universo, no qual é bem sucedida como atriz, desencadeou angústia e culpabilização alheia, tal ligação pode ser considerada sob outra ótica. O conhecimento de que outras versões de si mesma alcançaram êxito a leva, finalmente, a se reconhecer como ser desejante, validando, assim, a própria existência e a possibilidade de ter anseios e desejos. Permite-se acolher o sentimento verdadeiro de que *não* está feliz vivendo daquela forma. Contudo, mantém-se presa ao “eu poderia ter sido mais”, e não ao “e o que posso vir a ser aqui agora”.

O contato com aquela linha do tempo reverberou um *estalar* existencial em Evelyn. Logo, é notória a existência de um passado mal elaborado, que necessita ser revisitado e tensionado a fim de ser ressignificado. Torna-se essencial sentir, analisar e fazer as pazes consigo mesma, para assim seguir em frente. Não se viabiliza uma mudança de comportamento sem a devida reflexão e internalização das aprendizagens adquiridas. Faz parte da trama os constantes alertas de Alfa Waymond acerca do perigo de viver em outros universos, pois só se vive autenticamente no o aqui e agora (ROGERS, 2005).

Em sequência, quando Joy se apresenta como Jobu Tupaki e profere “eu não posso estar aqui ou não sou permitida a estar aqui?”, mensagens subliminares emergem no filme, revelando a urgência de ser quem se é, a aceitação positiva condicional. É imprescindível e urgente reconhecer e validar como digna a trajetória que a fez chegar até aquele momento, como uma autolegitimação. São questionamentos como esse que levam a protagonista aos *insights*, percebendo que as coisas já haviam se transformado. Diante disso, surge a busca por um sentido, “Como podemos voltar ao que era?”, ao que um dia foi bom, ao nostálgico, onde se acreditava serem felizes.

Com um discurso irônico e direto, tal qual uma interpretação selvagem psicanalista, Alfa Waymond expõe a Evelyn o quanto ela estagnou na vida (ANTUNES, 2017). Logo, recai sobre ela o encargo de explorar seu próprio eu, como é possível observar no diálogo a seguir retirado de uma cena do filme:

Alfa Waymond: “Você não fez nada!”

Evelyn: “Não sou boa em nada.

Alfa Waymond: “Exatamente!

[...] Você tem tantos objetivos inacabados e sonhos abandonados. Essa é a sua pior versão. Cada fracasso aqui gerou o sucesso de uma Evelyn de outra vida. A maioria das pessoas tem poucos caminhos alternativos de vida. Mas você é capaz de fazer qualquer coisa porque é péssima em tudo.”



Apesar de não ser um discurso acolhedor, comum ao ambiente terapêutico, apresenta a intenção de conduzir a protagonista à conclusão de que possui potencialidades para vir a ser o que deseja. Ainda que a fala tenha sido diretiva, nota-se a existência de atitudes facilitadoras, como a empatia e consideração positiva condicional, as quais possibilitam Evelyn sentir-se aceita e compreendida. Dessa forma, é “como se” Alfa Waymond conseguisse compreender a perspectiva e os sentimentos internalizados pela personagem.

Essa experiência permite a ela refletir sobre sua capacidade de encontrar a felicidade em diferentes multiversos, alcançando um estado de plenitude na jornada da vida. Ela reconhece, assim, a presença do potencial interno para seu desenvolvimento nesta realidade específica. Com esse *nada* existe uma gama de possibilidades, um *vir a ser tudo* que se almeja ser, em busca do autodesenvolvimento (ROGERS, 1977).

De acordo com, Rogers (1977; 2005) o cliente, durante a psicoterapia, pode apresentar algumas expressões em resposta às interpretações feitas pelo terapeuta, sendo uma delas o *insight em que* ocorre uma verbalização da compreensão dos sentimentos até então reprimidos, levando a inferências e experiências que desencadeiam, espontaneamente, uma nova percepção de si. Essa elaboração permite ao indivíduo alcançar um sentido aos sintomas por ele vivenciados e o estabelecimento de novas formas de conduta.

A representação desse despertar interno é característico na Parte 2 do filme, *Em Todo Lugar*. A protagonista experiencia uma série de introjeções ao alternar diálogos entre acontecimentos no momento presente e cenas de momentos futuros. Há uma cena característica que demonstra essa percepção, onde Evelyn está lutando na realidade presente, ao mesmo tempo que discute com o marido em uma previsão de realidade futura. As trocas dos diálogos se encaixam de tal forma que a personagem manifesta acesso a sentimentos anteriormente não permitidos.

Assim, ocorre um desencadeamento de *insights* de forma que são desconstruídas e reelaboradas algumas *ideias* rígidas que Evelyn possui a respeito de si e dos outros, dando, portanto, lugar à autorregulação. Tal efeito, assemelha-se a um labirinto composto por diversas portas, as quais se abrem, uma a uma, à proporção que são descobertos os enigmas, ou melhor, são dissolvidas as resistências. Essa analogia dá sentido à frase do pré-socrático Heráclito de Éfeso: “Nenhum homem pode banhar-se duas vezes no mesmo rio, pois na segunda vez o rio já não é o mesmo, nem tão pouco o

homem.”, haja vista a impossibilidade de o indivíduo ser o mesmo, ou até de se desfazer de um pensamento após experienciá-lo. Em outras palavras: “Ao ver o ovo é tarde demais: ovo visto, ovo perdido”, conforme diz Clarice Lispector (GONÇALVES, 2016; ROGERS, 2005).

Além disso, uma metáfora presente em diversos momentos do filme são os espelhos espalhados pelo cenário. Nessa perspectiva, a função de um espelho, no sentido figurado, é reproduzir a imagem de quem o observa, o olhar para si. Este simbolismo, no filme, ressalta a temática do autoconhecimento e a busca pela verdade, uma vez que não é possível mascarar o que se vê na superfície espelhada, exibindo apenas a imagem real.

A obra contrasta diversas temáticas entre figura e fundo<sup>1</sup> na Parte 2 e na Parte 3, uma delas o conflito entre mãe e filha, contracenado por Evelyn e Jobu Tupaki, a qual irá se referir às experiências da Joy como filha, já que ela habita em todos os mundos e experiencia tudo. Nesse contexto, é possível analisar como os comportamentos de Evelyn com a filha, igualam-se aos do pai, evidenciando o peso da transgeracionalidade, o que é transmitido de geração a geração e se reverbera em experiência subjetiva e construção de visão de mundo (CAMICIA; SILVA; SCHMIDT, 2016).

Como já exposto ao longo deste trabalho, elas não têm uma boa relação entre si, pois há inexistência de uma comunicação e escuta efetivas e, além da falta de acolhimento, devido aos diferentes pontos de vista, valores e experiências de vida. Evelyn tem uma visão mais conservadora sobre a realidade, caracterizada pelos valores familiares arraigados, enquanto Joy sente-se pressionada e limitada pelas expectativas da mãe em relação às próprias escolhas de vida, buscando independência e individualidade (CAMICIA; SILVA; SCHMIDT, 2016).

Apesar disso, há indícios de que uma relação afetuosa já existiu entre as duas, como evidenciado na cena inicial do filme, em que Waymond, Evelyn e Joy se divertem cantando karaokê. Nesse trecho, um momento simbólico se destaca quando Evelyn coloca a mão na boca de Joy, simbolizando um silenciamento. Minutos depois, o espelho muda de posição, marcando o início da contextualização do momento presente

---

<sup>1</sup> O termo figura e fundo, conceito teórico da Gestalt, refere-se à tendência que os indivíduos têm em organizar entre foco principal (figura) e segundo plano (fundo) certas necessidades ou situações que se mostram mais prementes que outras. Informar que o filme contrasta diversas temáticas entre figura e fundo, remete a ideia de que em determinados momentos alguns cenários sobrepõem-se à outros a fim de enfatizar temas centrais a serem destacados.

na vida dos personagens, onde se presencia uma Joy silenciada e reprimida, em meio a uma família que me parece em crise.

Nesse contexto, o diálogo entre as personagens ganha destaque no filme, à proporção que ocorre o embate entre a heroína e a vilã. No momento em que as duas estão no “Reino de Jobu Tupaki”, dá-se início a uma discussão prolongada, há persistência da invalidação da mãe caracterizada por falas como “Devolva-me minha filha” e “Você não sabe quem você é”, contraposto pelo confronto de Jobu Tupaki, a qual expõe, com verdades incisivas e diretas, a infelicidade e sentimento de rejeição por ela vivenciados no corpo da Joy.

A sensação de que as experiências e a identidade de Joy/Jobu Tupaki não são reconhecidas e respeitadas reverbera em um **niilismo**, um **vazio existencial** na personagem, que percebe a existência como desprovida de sentido. Após habitar em todos os lugares de uma só vez, a personagem nota que a existência perde todo o significado. Isso enfatiza a perspectiva de que a existência humana não possui um propósito inerente, nem um significado absoluto ou valor intrínseco (PECORARO, 2007).

A angústia existencial é vivenciada igualmente por Evelyn, de forma não consciente. Ao fazê-la olhar profundamente para a rosquinha, metaforicamente, ver internamente os sentimentos de Joy/Jobu Tupaki, é estabelecido um ponto de conexão entre as duas, proporcionando uma aceitação positiva condicional de Evelyn com a filha. Apesar dos conteúdos serem de insignificância da vida, a capacidade dela em compreender genuinamente e se conectar emocionalmente com a experiência interna da jovem, abstendo-se dos julgamentos e interpretações, promoveu empatia, ou melhor, a compreensão empática (ROGERS, 1977).

Ademais, sentir e perceber as emoções, pensamentos e significados que ela estava há tempos expressando, colocando-se verdadeiramente no lugar dela foi como adentrar no mundo emocional, subjetivo e experiencial Joy/Jobu Tupaki. Essa troca atinge seu ápice quando Evelyn pede desculpas à filha por ter sido tão rude e insensível. Curiosamente, ambas são representadas como pedras, impossibilitadas de escapar do diálogo devido à própria condição de estabilidade física. Isso as obriga a interagirem ativamente. A ironia contraditória é que esse diálogo só pode ser conduzido silenciosamente, já que as rochas não verbalizam, simbolizando, assim, uma conexão interna.

Todavia, o distanciamento de Evelyn do sentido existencial e a abertura para experiência para com a filha, promovem o início de uma autocompreensão. Os *insights* vivenciados ao longo da jornada de reconciliação com o *eu*, passam a ser disponíveis integralmente à consciência, dando lugar à congruência. Evelyn experiencia a compreensão emocional e subjetiva que a leva a mudanças significativas na percepção de si mesma e do mundo ao redor. Em seguida, enxerga a pessoa de Waymond, a personificação das atitudes facilitadoras da Abordagem Centrada na Pessoa (ROGERS, 2005).

A cena que se sucede revela Evelyn olhando para ele de forma diferente, com admiração, finalmente reconhecendo-o verdadeiramente. Compreende-se nesse momento, que a figura dele desafia as convicções de Evelyn, mostrando-lhe uma perspectiva diferente da vida, a de que ver o lado bom das questões pode ser estratégico e fundamental para o viver (ROGERS, 2005).

Nesse momento, Evelyn transforma os projéteis disparados pelos antagonistas, em direção a ela, em adesivos com olhos, os mesmos que Waymond costumava espalhar pela casa, na lavanderia e nos sacos de roupas lavadas. Os olhos simbolizam uma metáfora, transmitindo a mensagem: Eu *vejo* você, tal como você é, te compreendo e aceito. Evelyn nota que todas as pessoas ali presentes, lutando contra ela e a favor da não existência, também necessitam de aceitação positiva condicional, da mesma forma que ela precisava (ROGERS, 1977).

Logo, em vez de lutar contra os oponentes, realiza uma movimentação de acolhida das necessidades, dissolvendo as resistências, permitindo que cada um expresse plenamente os sentimentos, abstendo-se dos julgamentos e interpretações próprias. Não tem regras para o autoamor e a aceitação. Observa-se que cada personagem que encosta ajuda-o a liberar as emoções reprimidas e traumas emocionais armazenados no organismo, isso é feito com Gong Gong, ao enfrentá-lo: “Não quero fazer com minha filha o que você fez comigo [...] Como me deixou ir com tanta facilidade? Não tem problema se você não sente orgulho de mim porque eu finalmente me orgulho de mim.”.

Evidencia-se o estado de maturidade psíquica no qual Evelyn se encontra ao não negar mais, e não deformar as experiências íntimas que viveu, empoderando-se destas como únicas. Esse mesmo desejo intrínseco, de ser acolhida e legitimada pela mãe, é compartilhado por Joy/Jobu Tupaki. Em contrapartida, já está tão fatigada pela dor e

angústia, que recusar a aceitação da mãe é uma forma de protesto. Ela quer mostrar o quão cansada está e a sua incredulidade de que o contexto pode melhorar, como se desistir fosse trazer paz, portanto, luta contra a mãe.

O duelo dá resultado a uma atitude empática e Evelyn declara que, apesar de ter vivenciado outras realidades, prefere, ainda sim, permanecer ao lado da filha. Afirma que a reconstrução afetiva entre elas e o alívio do sofrimento será um processo, mas não desistirá da filha. Na sequência, Joy se permite à conexão, ao encontro eu-tu, como forma de reconciliação com a mãe e abertura ao autodesenvolvimento. Para Rogers (1977), a empatia, quando genuína e adequada, pode remover bloqueios emocionais permitindo o fluxo dessas experiências a fim de que fluam naturalmente, seguindo o curso regular, logo, a tendência atualizante ganha espaço para se manifestar.

A proposta exibida no longa assemelha-se ao tear psicoterápico. Há inicialmente uma pessoa, cunhada pelo termo “cliente”, na psicoterapia Rogeriana, adocida, com demandas, mas sem a clareza dos reais fatos. Pouco a pouco entra em contato com as resistências, revisando e modificando sua percepção de si e do mundo. Em alguns momentos torna-se difícil, quase intolerável lidar com as emoções engatilhadas, mas o terapeuta age como facilitador, criando um espaço seguro e acolhedor para que o cliente consiga lidar com a carga emocional (ROGERS; KINGET, 1975).

Os *insights* continuam a acontecer levando o cliente a caminhar para uma nova fase de desenvolvimento, fazendo as pazes com o passado, presente e consigo mesmo. As significações das experiências passam a ser construídas de forma mais congruente, condizentes com a noção do eu, instaurando-se assim o estado de maturidade psíquica.

É estabelecida ainda, ao longo do filme, a quebra da temporalidade com as cenas que transitam entre presente, futuro e as realidades alternativas, revelando a perspectiva de que não há um momento fixo ou definitivo para repensar ideias, opiniões, recalcular rotas e restabelecer novos caminhos.

## **METODOLOGIA**

Este é um artigo de cunho qualitativo, teórico e descritivo. Buscou-se analisar, a partir dos pressupostos teóricos da Abordagem Centrada na Pessoa, o filme *Tudo em Todo Lugar ao Mesmo Tempo* com a finalidade de expandir discussões e possibilidades de análises de filmes como recursos terapêuticos, de estudo das relações humanas, além de agregar, ao viés teórico utilizado, novos conhecimentos.

Recorreu-se à análise fílmica que, conforme descrita por Penafria (2009), visa examinar e interpretar o conteúdo explícito e as relações estruturais presentes na representação cinematográfica, buscando uma compreensão mais profunda e significativa, com ênfase nos princípios humanistas.

Os instrumentos utilizados para a análise foram trabalhos científicos, artigos e materiais eletrônicos. Foi realizado um levantamento de materiais acadêmicos, como os anteriormente relatados, nas ferramentas Google Acadêmico, ResearchGate, Scielo (Scientific Electronic Library Online), restringindo os resultados apenas aos estudos brasileiros, gratuitos e publicados no período de 2005 a 2023.

Ademais, fez-se uso de livros com enfoque teórico na Abordagem Centrada na Pessoa, sendo as obras selecionadas: “Psicoterapia e Relações Humanas”, de Rogers e Kinget (1975); “Tornar-se pessoa”, de Rogers (1977); e “Psicoterapia e Consulta psicológica”, de Rogers (2005).

### **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Dessarte, a partir da análise fílmica realizada, a obra fomenta discussões importantíssimas dando ênfase à necessidade da autoaceitação como catalisadora da própria autenticidade, sendo essa fundamental para o autodesenvolvimento. Salienta acerca da existência das várias versões de si mesmo que coexistem internamente, fruto da combinação das diversas experiências vivenciadas ao longo da vida, representando a singularidade, diversidade e identidade de cada indivíduo.

Evidencia-se ainda, a jornada da autodescoberta como natural, orgânica e indispensável para atualização do *eu*, destacando a fluidez e dinamicidade, tal qual a abertura à experiência e às novas possibilidades, como intrínsecas ao ser humano. Ademais, as relações interpessoais fazem-se essenciais para a construção identitária e o bem-estar emocional dos indivíduos, proporcionando um senso de pertença, segurança, acolhimento, compreensão e aceitação do outro.

Diante do exposto e em face à relevância da temática existencialista retratada, faz-se necessária a realização de outras pesquisas na área a fim de ampliar as discussões acerca do assunto. De qualquer modo, este artigo contribui para produção de conhecimento, em especial, no que tange ao uso de análises fílmicas para o estudo de casos e o aprimoramento dos conceitos da Abordagem Centrada na Pessoa na contemporaneidade.

## REFERÊNCIAS

ANTUNES, V. L. C. de P. Quando o analista é um mal para seu paciente: um retorno à “psicanálise selvagem”. **Jornal de Psicanálise**, Niterói, v. 50, n. 93, p. 223-237, 2017. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/jp/v51n94/v51n94a18.pdf>>. Acesso em: 20 nov. 2023.

CAMICIA, E. G.; SILVA, S. B. da; SCHMIDT, B. Abordagem da Transgeracionalidade na Terapia Sistêmica Individual: Um Estudo de Caso Clínico. **Pensando Famílias**, Online, v. 20, n. 1, p. 68-82, 2016. Disponível em: <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_abstract&pid=S1679-494X2016000100006](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S1679-494X2016000100006)>. Acesso em: 20 nov. 2023.

DALBEM, J. X.; DELL'AGLIO, D. D. Teoria do apego: bases conceituais e desenvolvimento dos modelos internos de funcionamento. **Arquivos Brasileiros de Psicologia**, Rio Grande do Sul, v. 57, n. 1, p. 12-24, 2005. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/arbp/v57n1/v57n1a03.pdf>>. Acesso em: 20 nov. 2023.

GONÇALVES, M. T. Notas sobre “O ovo e a galinha”. **Humanidades em diálogo**, [S. l.], v. 7, p. 69-80, 2016. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/humanidades/article/view/113333>>. Acesso em: 27 nov. 2023.

HAN, B. **Sociedade do cansaço**. Petrópolis: Vozes, 2015.

PECORARO, R. **Niilismo**. Rio de Janeiro: Editora Schwarcz - Companhia das Letras, 2007.

PENAFRIA, Manuela. Análise de Filmes - conceitos e metodologia(s). In: CONGRESSO SOPCOM, IV., 2009, Lisboa. **Análise de Filmes - conceitos e metodologia(s)**. Universidade Lusófona: Biblioteca On-Line de Ciências da Comunicação - Bocc, 2009. p. 1-10. Disponível em: <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_nlinks&ref=2944160&pid=S1809-6867202100020000800018&lng=pt](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_nlinks&ref=2944160&pid=S1809-6867202100020000800018&lng=pt)>. Acesso em: 20 nov. 2023.

ROGERS, Carl R.; KINGET, G. Marian. **Psicoterapia e Relações Humanas**. Belo Horizonte: Interlivros, 1975. 1 v.

ROGERS, Carl R. **Tornar-se pessoa**. São Paulo: Martins Fontes, 1977.

ROGERS, Carl R. **Psicoterapia e Consulta psicológica**. Lisboa: Moraes Editores, 2005.

TUDO em Todo o Lugar ao Mesmo Tempo. Direção Daniel Scheinert, Daniel Kwan. Produção: Anthony Russo, Joe Russo e outros. Intérpretes: Michelle Yeoh, Ke Huy Quan, Stephanie Hsu e outros. Roteiro: Daniel Scheinert, Daniel Kwan. EUA, A24, Iac Films, Gozie Agbo, Year Of The Rat, Ley Line, 2022. Película (140 min), som, cor.